

Babel unrevisited

Paulo Oliveira¹**Titel:** Babel unrevisited**Title:** Babel unrevisited**Palavras-chave:** teoria da tradução, filosofia da linguagem, antropologia histórica**Schlüsselwörter:** Übersetzungstheorie, Sprachphilosophie, historische Anthropologie**Key-words:** translation theory, philosophy of language, historical anthropology

Não surpreende que o mito de Babel tenha presença tão constante nos discursos sobre a tradução, como atestam inúmeras referências em títulos e capas de livro, ou discussões que tomam o tópico como ponto de partida para o desenvolvimento de perspectivas teóricas muito fortes na discussão contemporânea, envolvendo autores com Steiner, Eco, Benjamin e Derrida, além de um sem-número de outros comentadores. Afinal, trata-se de um mito da origem da própria necessidade da atividade tradutória, imposta pela intervenção divina que teria criado a multiplicidade das línguas e, com isso, as barreiras de comunicação. Curiosa é nossa relação com esse mito, mais próxima da noção de mito moderno cunhada por Roland Barthes (1985) com base no funcionamento da cultura de massas da sociedade industrial: cria-se uma narrativa para melhor vender um produto, numa espécie de *suspension of misbelieve* em que aceitamos a ficção para efeitos estéticos, retóricos etc. Embora oficialmente não acreditemos no enunciado do mito, acabamos deixando que ele influencie nosso agir em um grau que vai muito além do que se poderia supor de uma mente dita esclarecida, moderna ou pós-moderna.

Nossa fala sobre a intraduzibilidade de palavras, frases, textos ou mesmo discursos de uma língua ou cultura, ou de um meio de expressão para outro, está, num certo sentido, mais próxima do adágio espanhol (*Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay*) do que da advertência de que “manga com leite faz mal” (reza a lenda: usada pela casa grande para evitar que a senzala tivesse acesso ao leite, preciosa *commodity*);

¹ Docente em Ensino de Línguas, Área de Alemão, no CEL/Unicamp. Prof. credenciado no programa de Pós-Graduação/Mestrado em Língua e Literatura Alemão na FFLCH/USP. E-Mail: olivpaulo@gmail.com

ou do mito do *Casillero del Diablo* chileno (aleadamente criado para proteger o precioso vinho da reserva especial contra furtos).

Afinal, quem nos dias de hoje acredita realmente que a tradução “propriamente dita” possa ser reduzida à extração de **iguais** em sistemas expressivos diferentes? Que o conceito de **equivalente** derive de uma igualdade **dada** previamente, e não **construída** em contextos bem circunscritos e passíveis de modificação? E, no entanto, ouve-se com frequência falar de textos ou expressões aleadamente “intraduzíveis”, para, na sequência, propor-se uma possível tradução, que traz então algum outro nome, como adaptação, transcrição, recriação etc. – o que pressupõe que a tradução “propriamente dita” não seja nada disso.² Nos últimos tempos (Oliveira 2015a-b, por exemplo), tenho argumentado, remetendo a uma fórmula de Paul Ricœur (2011: 68), que o processo de tradução pode antes ser descrito como a **construção do comparável**, em que as chamadas equivalências nada mais são que um caso específico numa escala variável,³ com estatuto adquirido *a posteriori*, inclusive no caso das terminologias formais, em que se estabelece como algo **deve** ser traduzido.

Uma das características mais marcantes do mito antigo é seu caráter de **necessidade**. Na literatura de pesquisa em torno da obra do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (que teve enorme importância para o desenvolvimento das concepções de linguagem contemporâneas, ainda que isso seja pouco conhecido de um público mais amplo), um tema discutido pelo viés antropológico é o do papel da **magia** nas diferentes sociedades. Retomando o tópico do ponto de vista da psicologia da educação, Paul Standish (2012: 61) lembra que, na idade média, não se procurava “explicar” a bruxaria, como queriam fazer as ciências humanas modernas. Pelo contrário, a bruxaria era a **base das explicações**. Nas primeiras notas preparatórias para a minissérie *Grande Sertão: Veredas* (Rede Globo 1985), baseada no romance homônimo de Guimarães Rosa (1956), o roteirista Walter George Durst assinala que, no universo a ser recriado

² Já abordei o tópico no tocante à adaptação audiovisual de textos literários, em minha tese de doutorado (Oliveira 1999: cap. 2. Para um *corpus* de trabalhos acadêmicos que tratavam do assunto, vide p. 35, nota 1. O papel do mito de Babel em Benjamin e Derrida é resenhado no cap. 1, com indicação de vários textos que ecoam essa discussão: p. 29, nota 7). A despeito de toda elaboração teórica realizada na área desde então, na qual conceitos tradicionais como “fidelidade” e “essência” perderam algo de sua centralidade, o discurso sobre a “intraduzibilidade” persiste e mostra a resiliência de certas visões profundamente arraigadas em nossos discursos. Ver também Ping (1999), para resenha específica do conceito de **(in)traduzibilidade** sob diferentes perspectivas teóricas e uma proposta de sistematização sociosemiótica.

³ Ver necessidade de compromisso *ad hoc* entre **adequação** e **aceitabilidade**, nos termos de Toury (2012: 70).

pela ficção televisiva, “as pessoas acreditam **de fato** na existência do diabo” (Oliveira 1999: 173) – e isso, por óbvio, é relevante, ou mesmo determinante para seu comportamento. O que alguém faz ou deixa de fazer, nesse universo, é influenciado por essa crença, assim como nosso próprio comportamento, nossas práticas e teorias contemporâneas são influenciadas por nossas próprias crenças de base.

O que proponho é que deixemos de revisitar o mito de Babel que, *malgré nous*, acabamos por assimilar à maneira do mito moderno caracterizado por Barthes: “não acreditando”, mas agindo como se crêssemos e, no final das contas, nos envolvendo na própria ficção que criamos e pensávamos dominar.⁴ Que, em vez disso, voltemos a atenção para nossas próprias mitologias de base, i.e., para aqueles fundamentos aos quais atribuímos caráter de **necessidade**, sem os quais não saberíamos articular adequadamente nossos discursos e práticas cotidianas, no sentido caracterizado por Wittgenstein em *Da Certeza*, ao comentar nossas convicções, como a de que, [ainda na década de 1950] nenhum ser humano teria ido à lua, ou se afastado da terra:

O que poderia levar-me a crer o contrário? Nem uma lembrança, nem o que me foi dito. – Tudo o que vi ou ouvi leva-me à convicção de que nenhum ser humano jamais se afastou da terra. Nada na minha **imagem de mundo** fala pelo contrário [§ 93]. Mas não adquiri minha **imagem de mundo** por ter-me convencido de sua correção; nem por estar convencido de sua correção. Mas ela é antes o **pano de fundo herdado diante do qual diferencio o verdadeiro do falso** [§ 94]. As proposições que descrevem esse mundo poderiam pertencer a uma espécie de **mitologia**. E seu papel é semelhante ao de regras do jogo, e o jogo pode-se aprender de modo puramente prático, sem regras explícitas [§ 95]. (Wittgenstein 2004: 14-15 [DC: §§ 93-95]; ênfases acrescidas, tradução minha)

Do conceito fulcral de **imagem de mundo**, aplicado aos dias de hoje, faz parte nossa crença na ciência,⁵ nossa adesão a um modelo explicativo no qual também se insere a ideia darwiniana da **evolução das espécies**, enquanto componente essencial da mitologia contemporânea, nos termos do trecho citado. É **esse** o mito contemporâneo, no sentido de fundamento não questionado, que ocupa o lugar da narrativa religiosa que

⁴ Num registro lírico, poderíamos evocar, uma vez mais, *Tabacaria* de Fernando Pessoa (1975: 258; aliás, Álvaro de Campos): “O dominó que vesti era errado. Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. / Quando quis tirar a máscara, / Estava pregada à cara.”

⁵ Na literatura de pesquisa, procura-se distinguir o tipo de convicção do cotidiano, como as chamadas “proposições de Moore”, daquelas que fundamentam o discurso articulado da ciência (Moyal-Sharrock 2007), havendo certamente posições distintas sobre o estatuto de *Da Certeza* (Moyal-Sharrock; Brenner 2007). Tais detalhamentos, no entanto, não afetam a pertinência de nosso argumento sobre as mitologias de base, como mostra a passagem em que Wittgenstein comenta os procedimentos não questionados de Lavoisier quando da adoção de uma proposição empírica (temperatura de ebulição da água) como critério normativo (DC: § 167).

residia na base do antigo mito de Babel. Por isso, em vez de mobilizarmos Babel e trazermos de modo clandestino em nosso discurso convicções incompatíveis com nossos mitos de base reais, a exemplo da ideia de “intraduzibilidade”, deveríamos antes refletir sobre como a narrativa contemporânea sobre a origem das línguas pode nos ajudar a compreender nossas práticas de tradução e a articular um discurso tradutório compatível com as práticas reais. É dessa forma que podemos proceder com base numa concepção linguagem compatível com a proposta wittgensteiniana de que o significado real dos conceitos está no **uso** que lhes damos, o qual vai além de definições *a priori* ou explicações não raro idealizantes, de onde deriva a alegada “imperfeição” da prática, do que a ideia de “intraduzível” é certamente uma expressão.

Para tanto, precisamos abandonar o domínio estrito, por vezes demasiadamente especializado, no sentido técnico, da teoria da tradução, e nos aventurarmos por outras áreas, adquirindo com isso o necessário estranhamento que permitirá uma mudança de perspectiva. Aceitar a condição de *Grenzgänger*, atravessadores de fronteiras, tão adequada à condição do tradutor. Muito se tem escrito sobre a linguagem e o pensamento sob óticas que combinam antropologia histórica ou história da ciência e psicologia. Douglas Hofstadter e Emmanuel Sander (2013), por exemplo, investigam o papel fundamental do princípio da **analogia** para o pensamento humano, e isso certamente pode ser explorado por uma teoria da tradução, sobretudo sob a égide de sua definição como **construção do comparável**, a partir da fórmula de Paul Ricœur (2011).

Michael Tomasello (2008) pesquisa as *Origens da comunicação humana* por oposição à de outros animais e, sobretudo, à de nossos parentes mais próximos, os grandes símios. Segundo o autor, um dos traços diferenciais dos humanos seria nossa capacidade de dirigir a atenção para algo via gestos ostensivos, combinada com a tendência social a dividir tarefas em atividades realizadas de modo comum. Aqui, entra em jogo a linguagem como mecanismo de coordenação da ação social. Um ponto importante do argumento é a passagem da **comunicação analógica**, que exige contextos específicos e uma certa continuidade espaço-temporal, sobretudo visual, para o processo de **gramaticalização** possibilitado pelas formas digitais de linguagem. Um exemplo bastante ilustrativo é o desenvolvimento da linguagem de sinais da Nicarágua, que teria passado, ao longo de três gerações, por um processo de gramaticalização comparável ao da evolução das línguas faladas ao longo da história da humanidade (Tomasello 2008:

cap. 5). Inversamente ao mito de Babel, em que a comunicação era tida por **dada** nos primórdios e dificultada pela ira divina, o que nos mostra o estudo da evolução da comunicação humana em larga escala temporal é a necessidade ou possibilidade da comunicação como **fator organizador** de formas gregárias de vida, levando a uma diferenciação de nossa espécie – processo no qual ter **linguagem** desempenhou um papel fundamental.

Mas, como fica então a questão da **diversidade** das línguas? Tradicionalmente, pensa-se tal diversidade como advinda da falta de contato, do isolamento geográfico etc., uma hipótese bastante consolidada pela linguística história e que podemos manter, como bom descritor daquilo que ocorre quando há **barreiras naturais** – passivas – à comunicação. Mas existem também **barreiras criadas** pelo próprio ser humano, as quais podemos compreender como segundo vetor explicativo da diversidade das línguas. Em seu texto sobre as *Origens da mente social humana*, Mark Pagel (2012) propõe uma tese instigante, segundo a qual a diversidade das línguas humanas, por oposição à homogeneidade das formas analógicas de comunicação de outras espécies, deriva de um mecanismo de coesão de grupos vivendo em organizações tribais, em que a linguagem é ao mesmo tempo elemento de **coesão intragrupo** e **fronteira** de demarcação face àqueles que não pertencem ao grupo. Seu exemplo favorito são as ilhas tropicais da Papua Nova Guiné, onde se encontram cerca de 15% das línguas faladas na terra, num espaço reduzido da ordem de 808 mil Km² que abriga mais de 800 línguas distintas, em média com 2 mil falantes cada e fronteiras linguísticas separadas por poucos quilômetros de distância (Pagel 2012: cap. 1). Compare-se essa tese com o que sabemos ocorrer nos espaços urbanos das grandes metrópoles contemporâneas, com suas diferentes “tribos” que criam jargões próprios para delimitar quem pertence ou não ao grupo, de modo combinado com formas de vestir ou se comportar. Ou tomemos a prática linguística do *code switching* por parte de falantes bi- ou plurilíngues, em suas interações com seus diversos interlocutores (cf. Auer 1999), e chegaremos à conclusão de que a hipótese de Pagel merece, pelo menos, ser levada em consideração.

Um outro exemplo de como a língua é usada como mecanismo de coesão interna e demarcação face a elementos ou grupos externos está na emergência dos estados-nação europeus, num processo em que a ideia da identidade língua-povo-nação exerceu um papel crucial. Em sua palestra no 7º Congresso da Sociedade Europeia de

Tradução,⁶ Naoki Sakai fez uma exposição brilhante sobre como o estabelecimento de línguas nacionais foi usado como instrumento de colonização nas ilhas do pacífico, impondo barreiras antes inexistentes. O único aspecto em que não concordo com o autor é a tese – tributária do conceito de *différance* de Derrida – segundo a qual a **tradução** exerceria aqui o papel de mecanismo de separação. Tanto do ponto de vista lógico como do empírico, o que ocorre é o contrário: a tradução torna-se necessária apenas no momento em que já existem diferenças e quer-se de algum modo superá-las, procurando-se então instrumentos – baseados em possíveis analogias – que possam dar conta de uma tal operação. Nesse sentido, tradução é **ponte** e não barreira.⁷

A caracterização da linguagem como transmissor de **memes** culturais à semelhança da transmissão dos **genes** na biologia, tal como feita por Pagel (2012), com franca inspiração em vários trabalhos de Richard Dawkins, tem certamente alguns aspectos polêmicos, como a ideia de seleção natural dos memes, sobrevivendo os mais aptos. Aplicada às línguas naturais, tal hipótese significaria que, no longo prazo, o processo de globalização levaria quase inexoravelmente à adoção de uma única língua franca (o inglês), até mesmo como forma de superar as dificuldades impostas pela necessidade de tradução – com os custos aí envolvidos etc.⁸ Num certo sentido, essa é uma tendência inegável, como atesta a própria cultura acadêmica atual, em que publicar em inglês torna-se cada vez mais um imperativo e idiomas antes fortes como o alemão e o francês perdem gradativamente seu estatuto de língua da ciência, ao passo que o mandarim não se impõe como alternativa, apesar de ser a língua mais falada no mundo.

⁶ *7th EST Congress*, Gernersheim 2013: <<http://www.fb06.uni-mainz.de/est/69.php>>. Acesso: 24 Set. 2015.

⁷ Tal discordância tem por base uma divergência interpretativa face a uma metáfora wittgensteiniana, de que as diferentes línguas seriam como lentes coloridas através das quais vemos o mundo. Aparentemente, Sakai entende que podemos retirar essas lentes. Entendo o contrário: a metáfora afirma que não temos acesso ao mundo senão através dessas lentes – caso contrário, poderíamos **sair** da linguagem, possibilidade negada tanto por Wittgenstein quanto pela tradição hermenêutica alemã (tópico que discuto com certo nível de detalhe em Oliveira 2015a). Marco Brusotti (2014: 348) registra: “Como em Kant no tocante ao mundo sensível, em Wittgenstein não é possível sair da linguagem: a ‘solução kantiana para o problema da filosofia’ significa que é impossível ‘descrever o fato que corresponde a uma proposição [Satz] sem reproduzir essa mesma proposição’. ‘Saber o que é o caso se a proposição for verdadeira significa ter uma outra expressão [Ausdruck], que postulamos ser igual à primeira proposição [gleichsetzen]”. Que a tradução, enquanto ponte, possa ser usada seja como mecanismo horizontal de trocas ou instrumento vertical de dominação, não altera seu estatuto lógico, que pressupõe uma barreira a ser superada. E essa superação deriva de um **ato tético**, que coloca uma coisa como comparável (ou igual) à outra. A metáfora da tradução como ponte já foi usada por Hönig (1995), também para enfatizar o aspecto **construtivo** da tradução, ainda que sob uma outra égide, com foco maior sobre a prática da tradução e a formação de tradutores.

⁸ Pagel coloca essa hipótese de modo relativamente explícito em seu TED-Talk de julho de 201; cf. site <http://www.ted.com/talks/mark_pagel_how_language_transformed_humanity?language=pt>.

Por outro lado, o próprio Pagel não deixa de fornecer pistas – que ele mesmo ignora, neste caso específico – no sentido de que o mecanismo de padronização por cópia deixa de ser efetivo quando a diversidade e com ela a capacidade de inovação se esgotam. Sua proposta de que grandes organizações sociais são tributárias da manutenção de **regras locais** para seu funcionamento (Pagel 2012: cap. 10) pode ser tomada como mais um indicador de que, por mais que se construa uma cultura globalizada pela via da integração tecnológica e econômica, a preservação de culturas locais, até mesmo na forma de modificações impostas localmente ao modelo global,⁹ é um imperativo vital.

Assim como a preservação da diversidade biológica é uma preocupação central da ciência contemporânea, a despeito das enormes dificuldades face aos mecanismos e à força bruta da expansão econômica, a preservação da multiplicidade das línguas e culturas está estreitamente ligada à nossa capacidade de inovação, nos termos das próprias hipóteses evolutivas de Pagel. A diversidade das línguas e culturas, i.e., a própria possibilidade de ser diferente, mesmo que com repercussões apenas locais, é o antídoto contra um sistema global em que não mais se crie, mas apenas se copie – levando à estagnação. Deste ângulo, tanto a separação das línguas como a superação de suas diferenças, pela via da tradução, são elementos vitais de um sistema dinâmico. Traduzir, portanto, é preciso – ainda que o resultado seja vago e mutável. E para traduzir, há que ter diferença – antes dádiva que danação.

Referências bibliográficas

- AUER, Peter. From codeswitching via language mixing to fused lects: Toward a dynamic typology of bilingual speech. *The International Journal of Bilingualism*, v.3 n.4, December 1999, p. 309-332.
- BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1985. (6ª ed. Original: *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957).
- BRUSOTTI, Marco. Wittgensteins Nietzsche. Mit vergleichenden Betrachtungen zur Nietzsche-Rezeption im Wiener Kreis. *NIETZSCHE-STUDIEN. Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung. Beiträge zur Rezeptionsforschung. Abhandlungen*. DeGruyter, 2014, p. 335-362.

⁹ Sobre os efeitos da globalização contemporânea na língua inglesa mundializada, vide Rajagopalan (2012).

- HÖNIG, H. *Konstruktives Übersetzen*. Tübingen: Stauffenburg, 1995.
- HOFSTADTER, D.; SANDER, E. *Surfaces and Essences: Analogy as the Fuel and Fire of Thinking*. Basic Books, 2013.
- MOYAL-SHARROCK, D. *Understanding Wittgenstein's On Certainty*. Nova York: Palgrave MacMillan, 2007². (2ª ed.; 1ª ed.: 2004)
- MOYAL-SHARROCK, D.; BRENNER, W. H. (Ed.): *Readings of Wittgenstein's On Certainty*. Londres: Palgrave MacMillan, 2007.
- OLIVEIRA, P. *A televisão como "tradutora": veredas do Grande Sertão na Rede Globo*. Campinas: Unicamp, 1999. (Tese de Doutorado, DLA/IEL. Versão eletrônica in Vilson J. LEFFA [Compilador]: TELA v.2, Pelotas: Educat, 2000)
- _____. Translation, Sprache und Wahrnehmung. *Pandaemonium Germanicum* v.18, n.25, Jun. 2015a, p. 91-120.
- _____. Relative but real and binding: how family resemblance and normative use have found their way into Translation Studies (TS). *38th International Wittgenstein Symposium in Kirchberg am Wechsel. Papers*. Neulengbach: Austrian L.-W. Society, 2015b, p. 224-226.
- PAGEL, M. *Wired for Culture. Origins of the Human Social Mind*. New York & London, 2012. (Versão compacta em palestra do TED-Talk, disponível no endereço: <http://www.ted.com/talks/mark_pagel_how_language_transformed_humanity?language=pt>. Acesso: 19 Set. 2015)
- PESSOA, F. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1975. (Obras Completas de Fernando Pessoa Vol. II)
- PING, Ke. Translatability vs. Untranslatability: A Sociosemiotic Perspective. In *BABEL* v.45 n.4, 1999, p. 289-300.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. For the umpteenth time, the "native speaker": or, why the term signifies less and less in the case of English as it spreads more and more thought the world. In Diógenes C. de Lima (Ed.): *Language and its Cultural Substrat: Perspectives for a Globalized World*. NPLA 21, p. 37-58. Campinas: Pontes, 2012.
- RICŒUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Tradução: Patrícia Lavelle. Original: Sur la traduction. Bayard, 2011)
- STANDISH, Paul. 'THIS is Produced by a Brain-Process!' Wittgenstein, Transparency and *Psychology Today*. *Journal of Philosophy of Education*, West Sussex, v.46, n.1, 2012.
- TOMASELLO, M. *Origins of Human Communication*. Cambridge & London: Bradford/MIT, 2008.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2012. (Revised edition)
- WITTGENSTEIN, L. *Über Gewissheit = On certainty*. London: Blackwell, 2004¹⁵. (15ª edição. Tradução e edição: Rush Rhees. = Da Certeza [DC])